

O ARAVHIÇO

Março 1941

3º Número

?.....!..... RESTAURADO

(Cont. de numero anterior)

Pretendia-se libertar o país da tirania filipina e reconstruir uma pátria em ruínas; a reacção patriótica não podia pois fazer-se esperar. Estalaram revoltas por todo o país. Em 1628, na Parte, rebenta o motim popular conhecido pela Revolta das Caçarelas em que a multidão tenta linchar Francisco de Mole.

Logo a seguir, nova movimentação revolucionária conhecida pela Revolta de Marinhão, que não se sabe ainda por quem foi chefiada; há quem afirme que foi por um filho de D. António Prior de Crato.

Em 1638 forma-se uma nova conspiração sob a chefia do então Conde de Santa-Ruega, mais tarde Marquês de Marilva, herdeiro das linhas de Elvas e Montes Claros.

Os insucessos das primeiras tentativas de libertação faz renascer o patriotismo português que era cada vez mais na vitoria final.

Entretanto, Richelieu tinha já entalado negociações secretas com Portugal, auxiliando D. João na sua difícil tarefa. Os seus emissários punham-na constantemente ao corrente da situação que cada vez se tornava mais melindrosa.

O Duque de Bragança vacilava perante tamanha responsabilidade, mas resolveu-se finalmente a tomar o único caminho que poderia restituir a liberdade a Portugal: aceitar a coroa.

Entretanto, em Madrid, tem-se conhecimento completo de tudo e que se tramava e assim os conjurados teriam de agir depressa ou então o exílio e o fim de todas as esperanças de restauração. Estava-se nos fins de Novembro de 1640 e os mais decididos começavam a desanimar.

Foi então que se deu o inesperado. Todos aqueles que viam na figura de D. João o homem retraído ficaram assombrados quando ele lenemente os intendeu a cumprir o que haviam jurado, sob pena de se revoltar sozinho com os povos do Alentejo.

Chega então o radioso dia de 1 de Dezembro de 1640.

Estala a conspiração e D. João, conhecido o triunfo revolucionário, parte

a caminho de Lisboa, na deslocação irresistível de bem-servir.

D. João IV sobe ao trono num momento de facilidade para um rei.

Portugal não tinha um exército organizado, nem armas e munições suficientes. Para se avaliar o estado desolador em que se encontrava a nação basta dizer que numa linha de fronteira de 150 leguas de extensão apenas existia uma força talvez em estado de ser utilizada.

Criou-se um exército que se cobria de glória em Montijo, Linhas de Elvas, Ameixial e Montes Claros e procuram-se relações com o estrangeiro.

Mas, nos primeiros anos da Restauração, a diplomacia contribuiu ainda mais do que as armas para conservar a independência restabelecida no primeiro de Dezembro.

A. Faria.

CAMINHO ERRADO.

No último número desta pequena folha apareceu um espalhafatoso artigo - qual visão dantesca de inferno.

Sem mais rodeios, houve alguém, que tratou dum assunto deveras melindroso, como se fosse, um tema banal para encher papel. E não esqueceu a bíblica parábola da mulher.

Ela que dando a luz corre mais riscos que os homens nos campos de batalha.

Ela que é filha, esposa e mãe - não merece alguma consideração? ...

- Não se gaste que ela se queira modernizar (destruindo assim todos os obstáculos que a tradição, as usas estabelecidas ou a lei opõem ainda à sua emancipação).

Que mal existe em que elas funem, vistam calças e se queiram modernizar? Pois se todas essas coisas não a afastam da órbita principal das suas ocupações: o lar doméstico e os filhos.

- Mas V. foi mais longe, considerando-a intelectualmente inferior ao homem.

- Com certeza pouco tem lido de história? Pois ela fornece-nos exemplos de mulheres que nos foram intelectualmente superiores, desde Sémiramis até aos nossos dias... Mas a história ainda nos diz que houve períodos da Idade Média em que somente os homens sabiam escrever.

Houve sempre mulheres ilustres nas ciências, na medicina, no direito e até na filosofia.

Resta-me perguntar-lhe se Madame Gu- não se poderia enfileirar junto a esses sábios, que foram a admiração de todo o mundo". Talvez Curie fosse uma excepção? Quem

mulher de século XX" portanto, não serve para cobrir, com tal nome as vorabilidades ócas e vazias de sentido, que empregou nessa inerecida critica a mulher de nesse tempo.

Enfim! Considere minha réplica- como que epílogo duma comédia, em que V. representou um papel, que em nada se harmoniza com o seu caracter.

Desdém.

Triste engano!...

Ó noite! Cantava, feliz, uma canção, dedicada a e ao isolamento, em que eu estava. Mas meu pensamento saudava! De u na e coração.

Ouvi um grito agudo e delerido. Soltado pelas entranhas d'alguem ser! Alguem, talvez, que está para morrer. Pensei! Perder o coração meu peito é ferido.

Entre já, no parhal que cerca a casa. Dêde me parece vir o tal gemido. Precuro, e se distingo um bater d'asa

Intrigado, não já desvendar tente. Mas, Deus, um grito igual fere meu ouvido. E! Ah! Um mocho escuro e agnecirante!...

Sepal.

Charadas

Sinopadas

Maria! Olhe as pilões aos saltos. 3-2

Em seguida à primeira vem logo esse escide. 3-2

Quem pensar não é capaz de assassinar. 3-2

Maj. Real Verre

Nevissinas

Centa e sofrimento daquele que narra. 2-1

Traga com uma coisa não nule, e risca. 2-2

La avistei a senhora que representava o bispo com o senhor temporal. 1-2

Dino.

o ARANHIÇO, instrumento sagrado entre os pilões, deve ser religiosamente res- peitado.

ALCÁCER KIBIR

- Morrer, sim, mas morrer de vagar! Fora esta a frase saltada por D. Sebastião, na batalha de Alcacer-Kibir. Em resposta à lamúria preferida por D. João de Portugal:

- Se nos resta morrer, senhor! De facto, a morte era o unico refugio honroso para as lusas hostes.

..... Levedes Africa por um convite de Muley-Hamad, a-fim-de o auxiliar a reaver a soberania que lhe fora usurpada por seu tio Muley-Meluce, D. Sebastião deu pouco das necessidades materiais da empresa.

No dia 4 de Agosto de 1578 deu-se a batalha que a historia consagrou com o nome de Alcacer-Kibir. O exercito serracene formava uma extensa meia lua cujas extremidades estavam voltadas para as nossas tropas. Os serracenes, fazendo uso duma tatica habilissima deram inicio ao movimento envolyente. Eis, porém, que o exercito português consegue abrir brecha no circulo de ferro que os esmagava. Antelham-se-nos os primeiros vislumbres da victoria, quando a voz de:

- Ter, Ter! saltada por um sargento português veio lançar a desordem nas nossas fileiras.

..... Compreendendo, enfim, a derrota, D. Sebastião procurou a redenção na morte. Recusou-se a aceder ao pedido de seu válido, Cristóvão de Távora, que aconselhava a entregar a sua espada, respondendo-lhe que "a liberdade real se se perdesse por a vida" e avançou pelas fileiras inimigas, lançando a morte por onde passava.

Não mais o tornaram a vêr. Desaparecido? Morte? Capturado? Espiando as consequências de seu erro no fundo dalguma masmorra? Não se sabe.

Terminada a batalha foi encontrada um cadaver que alguns cavaleiros deram como sendo o seu rei. Alguns desses cavaleiros faziam da sua afirmativa um ordi- pois que, julgando El-Rei o salvo e procedendo desta forma, favoreciam a sua fuga.

De D. Sebastião não mais houve sinal algum. Porém, muito pouco português encorava a esperança de que o áncoberto estava vivo e que, quando julgasse propicia a occasião, libertaria Portugal do jugo espanhol.

Dino.

Sô nebre, que a nebreza que dormita nos entres, ha-de acordar ao contacto da tu-

Latall.

Filosofias dum drácula!...?

Suite

Despertar e sua importância sob o ponto de vista comercial.

Foot-ball- é o despertar que tem por fim a venda de produtos farma-
ceuticos (ligaduras, algedões, arrica, etc)

Rugby- é o despertar que tem por fim a venda de caixões em larga escala.

Hipismo- é o despertar que tem por fim criar maior numero de veteriná-
rios.

Bex- é o despertar que tem por fim a troca de dólares por peras.

Automobilismo- é o despertar que tem em vista renovar, candieiras, muros, pestes de fios, esquinas de prédios, peixes e outras coisas mais.

Psicologia

O Minhoto é pouco falador, descon-
fiado e de olho torto.

O Transmontano tem a presunção de
que se ele fala não reparando que acira
também.

Os do Douro conservam nos outros
o que pensam acerca de si.

O Beirão põe em si o que vê bem
nos outros.

Os da Estremadura distribuem tudo
não obstante, deixam para si o que me-
lhor lhes possa convir.

O Alentejano é de si para si, é
dos outros para si e dos outros para vós.

O Algarvio fala muito e acerta
pouco.

O. P. G.

Dum album cômico de 1888

Casiei com uma mulher que tinha de
seu primeiro matrimonio uma filha casa-
deira.

Meu pai que vinha visitar-me com fre-
quência, enamorado-se de minha entenda
e casou com ela, de modo que meu pai
ficou sendo meu genro e ela que era a
minha filha politica, minha madrasta
porque era mulher de meu pai.

Algum tempo depois, minha mulher teve
um filho, que ficou sendo cunhado de meu
pai, e ao mesmo tempo meu tio porque era
irmão de minha madrasta.

A mulher de meu pai, minha filha por afi-
nidade, teve também um filho que foi meu
irmão, e meu neto, por ser filho da mi-
nha filha.

Minha mulher era minha avó porque
era mãe de minha madrasta, e eu era ma-
rido e neto de minha mulher.
Ora como marido de avó e avó d'essa
pessoa, resulta que cheguei a ser avó
de mim próprio.

A mulher é uma raposa de cauda mais
curta.

O. P. G.

PRECIOSIDADES ARQUEOLÓGICAS



Vaislhes ser apresentada,
a maior sabedoria.
Pêlo de muitos tentáculos!
É pena não estar fardada,
para orgulho da artilharia
e inspecção dos espetáculos

Chefe sem constituição!
Rei de pessoal maior...
dos suínos admirador!
Regente da Secção,
tendo o posto de Major,
em tudo é imperador.

Desdém.

"O ARANHIÇO" é um jornal recreativo que
existe entre os pilões e que não admite
críticas de espirites imbecis.

O. P.G.

A mulher é como um jornal... Antes de
lida vale quatro testões, depois de lida
não vale nada...
Mas às vezes vem um sujeito com fome de
noticias e encontra novidades no jornal
velho...

M. Osório.

INFELIZES!

Numa tarde fria dum brando dia de Inverno, caminho despreocupadamente sobre as características rectangulares de granito, das mais frequentadas ruas da Baixa.

Estou atravessando uma das artérias do Rio, quando os meus olhos se dirigem para um débil rapazito, que tiritava de frio, sem o mínimo vestígio de calçada, e com umas misérrimas vestes, que a bem dizer, se servem para tapar a sua nudez, os olhos indiscretos dos transeuntes. Nisto, eis-se ao pé de mim, um inesperado brado - um ténue e abafado prego - a constante prego dos jornais. Note que é lançado pelo rapazito cujo aspecto me prendeu a atenção. Sim, e que ele por baixo dos indigentes trapos, de arrastante chuveiro, abriga um papel que lhe dá ao quotidiano, as parcos preventos, de que se alimenta a sua numerosa família. Sigo-o desorientadamente, quando virifique estar nos seus lares. Na turbilhão de pessoas aqui existente, a minha atenção desaparece - o rapazito esquivou-se, para continuar a sua martir e dorosa feição. Continuo, via acima, ainda pensando na miséria que por todos os lados abunda, blasfemando a excessiva riqueza de muitos, que dele nada necessitam. Mas, não posso observar - demasiadamente em pensamentos que são reais quimeras, porque a minha atenção é desviada para um pente, que toca minha personalidade e a dos meus companheiros, aqueles que como eu são. Até agora distinguia apenas um vulto, escuro e pequeno, quasi que correndo ao longe da Avenida, mas neste momento já enxerga a sua vestimenta - é uma farda, igual à minha. O meio-dia já leva um avanço de 6 horas - hora das saídas dos cinemas - donde saiu este meu companheiro e irmão de Instituto. Vai ao pé, para a casa que a farda um homem, debaixo duma incessante batida de chuva, que não merece uma farda como esta. Cidadão, terá dinheiro para o carro? Não, não deve ter. Sigo para ver se o apanho, mas ele corre, quel gano perseguido. Estou quasi a agarrá-lo, mas fico estupefacto!

Vejo, em períodos sucessivos, sair da sua boca uma torrente de fumo. Este incauto, com uma ingenuidade imprópria do seu lugar e contaminado pelos vícios conselhos de outros peores que ele, tem dinheiro para queimar, mas não para preservar a sua saúde. Também é pequeno, como o rapazito visto no Rio; apesar de ter um lugar, cujas condições de vida são infinitamente superiores às de miséria ardida, é mais infeliz do que este, pois vive envolto por um vício que o aniquila e por preveras utopias que o alienam. Para satisfazer uma necessidade, priva-se de outras, que lhe

eram mais úteis e mais benéficas; e ainda, a limpeza e o valimento perante os outros. Que um halo de pureza o envolva, e com ele, outros que em mesmas érres incorrem!

Vasso.

A Beira

Não há terra mais suave e serena, que a linda beira-rija e histórica provincia portuguesa, cujo renome consagrada é a Beira.

Seus habitantes compartilham, pelos recantos mais longínquos serras vindas da coração - a felicidade.

Como é linda a nossa provincia, como são lindos os seus vales, como altívolas suas serras.

As aves cantam, espalhando suas melodias pelo espaço, que se envolve e que se torna tão bela. As beiras são três, e quasi todas a mais fermosa. São três irmãs, que consagram a natureza uma das mais belas prendas. Os vales semeados de frescos arvora, ondulam à mercê da sagem, espalhando seu balsamo pela saudável e perfumada atmosfera.

Quem não sente saudades, quando o destino peissando sobre lares cheios de paz e ternura, estende suas garras, arrancando-se a seio da família.

Partem alguns porque Deus assim o quer, porque uma força de ventade, compartilha para o aumento de sua felicidade.

Imigram, porque o campo limita estreitamente suas ambições, mas consiga arrastar saudades pela família, pelos vales e pelas montanhas.

Serra de Estrela - feste tu que nas tuas cavernas, que nas tuas faldas criaste o Viriato - semente da raça lusitana.

Os teus pincares erguidos ao céu dão uma ideia de que te orgulhas ao pé do Cristo. Ficas no meio das beiras. És o coração delas.

Orgulha-te beira porque tens razões para isso porque es berços de heróis, porque Deus assim o quer.

De um e outro.

O carácter é uma potência, exerce uma influência; atrai amigos, cria fundos, organiza patrenatos e assistências, abre um caminho seguro e fácil à fortuna, a honra e a felicidade.

Harvas.

A ilusão é uma janela aberta por onde penetra um raio de luz de infinito, sem nessas corações.

O. S. A.